



APRENDENDO CULTURA POLÍTICA BRASILEIRA COM MACHADO DE ASSIS

João Paulo Bandeira de Souza¹

RESUMO

A comunicação trata da tentativa de compreender a cultura política brasileira a partir da teoria do imaginário e do pensamento complexo. Observamos as conexões entre o *Clientelismo* e o *Liberalismo* na vida política brasileira. Buscando lições sobre o funcionamento e fundamentos das relações humanas numa sociedade que tem a tríade origem fidalga, grossos cabedais e relações pessoais nas raízes de sua construção. A obra de Machado de Assis fornece pistas que ajudam a entender como criamos e recriamos uma sociedade que vive a tensa relação dialógica entre o Favor e o Contrato.

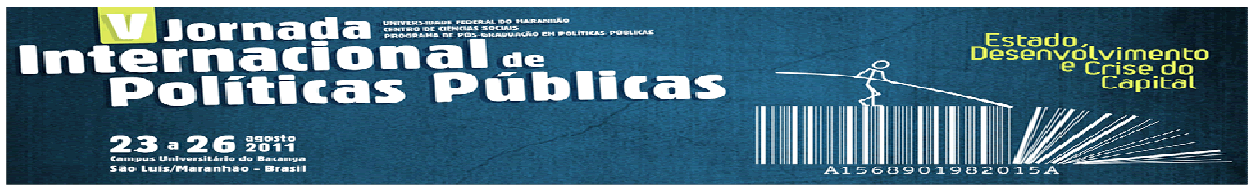
Palavras-Chaves: Imaginário, Cultura Política, Complexidade

ABSTRACT

The communication deals with the attempt to understand the Brazilian political culture from the theory of the imaginary and complex thought. We observed the connections between liberalism and Clientelism in Brazilian political life. Seeking lessons on the operation and fundamentals of human relations in a society that has the triad noble origin, thick leathers and personal relationships in the roots of its construction. The work of Machado de Assis provides clues that help you understand how we create and recreate a society that is tense dialogic relationship between the Favor and Agreement.

Keywords: Images, Political Culture, Complexity

¹ Estudante de Pós Graduação. Universidade Estadual do Ceará – UECE. jpcientistapolitico@gmail.com



INTRODUÇÃO

Qualquer estudioso das políticas públicas deve estar aberto aos ventos que sopram da literatura, pois de lá chegam resquícios de nossos alicerces sociais, políticos e culturais: nossas relações com o Estado, com o Contrato, com o Direito, com o Outro. Estudar a cultura política e nosso imaginário é fundamental para que não reproduzamos mecanismos que mantinham e mantêm estratégias de dominação, dependências, exclusão e privilégios.

Esse artigo navegará nas águas do imaginário político brasileiro, teremos como paradigma o pensamento complexo; como caminho e guia a teoria do imaginário; como campo de estudos o conhecimento produzido por Machado de Assis sobre os mitos do liberalismo e do clientelismo no imaginário brasileiro quanto as práticas, formas, e vivências políticas aqui construídas, procurando elementos que provoquem a reflexão de como acontecem o diálogo entre tais mitos no imaginário contemporâneo.

Dialogar com política, literatura e mitologia é algo que pode parecer devaneio em um primeiro momento, afinal fomos formados por um jeito de pensar que promove a “racionalização que encerra o real num sistema de idéias coerente, mas parcial e unilateral, e que não sabe que uma parte do real é irracionalizável, nem que a racionalidade tem por missão dialogar com o irracionalizável”. (MORIN, 2007, p.14) Suas principais características são: simplificação, disjunção, redução, unidimensionalização; eliminação dos mitos, preconceitos e senso comum como elementos reveladores de conhecimentos “válidos” sobre a vida humana, não tendo então como compreender a complexidade da vida humana.

1) LER MACHADO PARA ENTENDER O BRASIL

Bachelard demonstrou que a vida “não é resultado de uma série de raciocínios, mas a elaboração de uma função da mente (psíquica) que leva em conta afetos e emoções.” (PITTA: 2005 p.16). Segundo o pensador “a validade do conhecimento é a mesma, seja ele adquirido pela experimentação ou poesia.”



Assim não é absurdo falar de um Machado de Assis produtor de conhecimento sobre política através de sua pena. E mesmo que não estivesse lá, o meu olhar lá identificou essas relações, e é delas que vamos tratar. Machado de Assis foi um escritor genial de estilo irônico, exuberante, conciso, mordaz, enganoso e elegante. Apresentado por Roberto Schwarz, como um Mestre na periferia do capitalismo, foi observador agudo da sociedade brasileira, que diz ele, sempre “mudava para permanecer a mesma”, e do modo de formação dessa sociedade.

Machado fez uso de sua miopia, da qual se orgulhava, para construir artisticamente imagens que retratam como a sociedade imperial do século XIX vivia e recriava uma realidade complexa. Ao mesmo tempo liberal e escravocrata, nova e arcaica, moderna no discurso e conservadora nas ações, onde tínhamos um imperador poliglota e 90% de analfabetos, empresários promissores, baronatos comprados, uma imensidão de escravos e uma população de dependentes e agregados.

Machado de Assis seguiu em sua obra o que ele mesmo propõe no trecho do famoso ensaio *Instinto de Nacionalidade* de 1873:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que deve se exigir do escritor, antes de tudo, é certo **sentimento íntimo**, que o torne **homem do seu tempo e do seu país**, ainda quando trate de **assuntos remotos no tempo e no espaço**.(ASSIS, 1873, citado por GLEDSON, 2008, p. 73

Inúmeras vezes em sua obra, fazendo uso do “sentimento íntimo”, Machado desnuda o Rei, e escancara aspectos fundamentais da vida social do Império. Fazendo uso de conceitos e teorias fundamentais elaborados pela humanidade até então, Machado escreve sobre detalhes, situações, casos banais da vida cotidiana da elite brasileira do século XIX, articulando-os aos mais variados arquétipos, imagens e mitos de diferentes culturas para explicar, explicitar, contrapor, descrever, analisar, dissimular ou enaltecer, através de sua pena, traços essenciais da sociedade brasileira, bem como seus pensamentos, ideologias, imagens e mitos.

2) COMPLEXIDADE E IMAGINÁRIO: OUTROS CAMINHOS PARA PENSAR A CULTURA POLÍTICA BRASILEIRA



Edgar Morin e Prigogine expõem a necessidade imperativa de compreendermos a realidade em sua multidimensionalidade, a partir do pensamento complexo e de seus operadores: dialogicidade, recursividade, hologramaticidade e totalidade. Com eles compreenderemos melhor como o problema acima exposto foi construído.

Complexus significa, originalmente, aquilo que é tecido junto. O “pensamento complexo é um pensamento que busca distinguir, mas não separar, ao mesmo tempo em que busca reunir.” (MORIN, 2007, p.71). Ainda sobre o pensamento complexo nos diz: é “o pensamento que lida com a incerteza e que é capaz de conceber a organização. Trata-se de um pensamento capaz de reunir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo de reconhecer o singular, o individual, o concreto.” (MORIN, 2007, p.77), e acrescenta Jérôme Bindé “o ato de compreender certo número, ou um grande número de coisas diferentes.

Gilbert Durand vai nos colocar que a razão dá sentido ao mundo, mas é a imaginação que cria seu significado. É “necessário imaginar” para que a criação ocorra. Os significados que nós humanos damos ao mundo e as coisas, vão além de suas funcionalidades. “[...] nada para o ser humano é insignificante. E dar significado implica entrar no plano do simbólico. Simbolizar faz parte da própria condição humana.” (DURAND: 1997, p.13)

Em linhas gerais, na perspectiva de Gilbert Durand, o imaginário:

Pode ser considerado como essência do espírito, à medida que o ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções...), é a raiz de tudo a que, para o homem existe.(PITTA: 2005, p. 15)

Ao ler uma imagem é preciso atentar para seu sentido oculto, pois ela sempre estará sendo resignificada, o que abre caminho para o indizível e o imaginável! Toda imagem, no nosso caso, os contos que são pacotes de imagens, têm sempre novos sentidos a serem revelados, com novas formas de interpretar o fluir do “trajeto antropológico”, dos “mitemas”, “enxames”, “ressonâncias”, “homologias” e “semelhanças semânticas” O imaginário é o lugar do entre saberes, que se expressa dentro de algumas estruturas universais e tem duas entradas: o social e o biológico,



constituindo uma pulsão entre a subjetividade humana e o mundo (realidade objetiva concreta). Somos seres que damos significados, ao mundo e as coisas, essa nossa capacidade do devaneio, parece ser uma resistência que temos diante da morte.

Dialogar com o imaginário é perceber qual é o tipo de dinamismo que se encontra em ação em uma dada cultura, é compreender qual seu trajeto antropológico, uma maneira própria para cada cultura de estabelecer a relação existente entre sua sensibilidade (pulsões subjetivas) e o meio em que vive (tanto o meio físico como histórico social).

Assim temos que o “contexto sociológico modela os arquétipos e os símbolos. Os schémes, na base da dimensão cultural, orientam a ação, mas as imagens concretas presentes nas artes, nas mitologias, nos relatos diversos (orais ou escritos) adquirem contornos específicos em relação ao contexto (meio ambiente) social.” (PITTA: 2005, p. 39)

Mitos são narrativas arquetípicas ressignificadas a cada vez que são contadas e ouvidas, é um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e schémes, que tende a se compor em relato; é como uma música, possui refrões, os mitemas, aquilo que se repete em várias narrativas. Durand lembra que a mitocrítica que vale a pena ser feita é aquela em que o leitor/pesquisador se dispõe a interpretar um texto, não apenas analisá-lo, o que é sempre um risco muito grande, que é sempre bom de correr. A busca dos vários sentidos é uma brincadeira que sempre recomeça.

São várias as linhas de pensamento ou mesmo as "famílias" de explicações do Brasil. São linhas ou famílias que se desenvolvem, recriam ou apenas reiteram. Mas já estão presentes e evidentes em muitos estudos e narrativas. Desenham-se como se fora uma ampla, policrônica e polifônica cartografia do imaginário brasileiro. Vale a pena registrar algumas, ainda que de forma breve. a) No Brasil, o Estado constitui a sociedade civil, já que esta seria pouco organizada, dispersa, gelatinosa, de tal maneira que o Estado se constitui em demiurgo da sociedade, realizando a sua articulação e direção, promovendo a mudança e tutela, sempre de conformidade com o descortínio das elites. b) O Brasil seria um país cuja história está amplamente determinada pelos movimentos e exigências dos mercados externos, desde o colonialismo e o imperialismo ao globalismo, definindo-se por diferentes modalidades de sua inserção dos mercados externos. c) O Brasil é visto como um país patriarcal, marcado pelo patriarcalismo que se forma e desenvolve no curso dos séculos de escravismo, com desdobramentos no coronelismo, caciquismo, oligarquia; tudo isso no âmbito de algo denominado lusotropicalismo, sem esquecer a contínua e reiterada associação, mescla ou confusão entre o privado e o público. d) O Brasil se singulariza por ser uma "democracia racial", a despeito dos séculos de regime de trabalho escravo e da forma pela qual são tratados prática e ideologicamente o índio, o negro, o árabe, o japonês, o polonês e outros, indivíduos e coletividades deste singular "laboratório racial". e) O Brasil tem sido visto como um país que se destaca por sua "história incruenta", uma história de "revoluções brancas", na qual



floresce a "democracia racial", tudo isso "lusotropical". [...]. Trata-se da visão do Brasil, de sua história, como uma constelação de tipos, com alguns dos quais se constroem tipologias, sendo que, em alguns casos, desdobram-se em mitos e mitologias. [...] Aí entra o "homem cordial", no sentido de fortemente determinado pelas emoções, a subjetividade, o coração (córdis), um tanto alheio ou mesmo avesso ao "racional". [...] São muitos os tipos e os mitos que povoam os estudos e as narrativas, as realidades e as fantasias, compondo uma vasta cartografia. (IANNI, 2002, Grifos Meus, p. 180-181)

O que estou chamando de Mitos do Mercado são as narrativas e práticas sobre as relações burguesas no Brasil do século XIX, os ideais oitocentistas, a ideologia burguesa, a forma européia, o Contrato, as formas políticas, culturais, sócias e morais copiadas da Europa, a inserção do Brasil numa bem definida ordem capitalista internacional. A impessoalidade, o individualismo, a racionalidade burocrática burguesa, o Estado, o consumo, a solidariedade orgânica, as mudanças da matriz econômica, a Igualdade, a Liberdade e a Fraternidade, o progresso, a ciência.

O que estou chamando de Favor são as *relações clientelistas, patrimonialistas, mandonistas, coronelistas, nepotistas, caudilhistas e cordiais*, no sentido dado por Sérgio Buarque.

Já disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade - daremos ao mundo a 'homem cordial'. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar 'boas maneiras', civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (BUARQUE DE HOLANDA, 2002, p. 146)

Os principais traços, características e propriedades do clientelismo são:

a) Acesso restrito aos centros de poder; b) controle sobre recursos – materiais e simbólicos desiguais; c) relação de troca com forte hierarquia vertical, não formal, particular e difusa; d) sistema decisório concentrado através do monopólio de representação; e) demandas fragmentadas; f) lealdade, confiança, amizade e reciprocidade norteando a troca; e g) o fluxo de utilidades que se processa na troca envolvendo uma relação de pagamento de longo prazo. (BAHIA, 2003, p.185)

As diferentes formas e sentidos que o clientelismo assume são influenciadas



pelas diversas modalidades de relações de poder entre os agentes sociais e políticos durante o momento histórico no qual o fenômeno é analisado. Seu conteúdo também varia ao longo do tempo, de acordo com os recursos controlados pelos atores políticos.

O clientelismo é definido como “uma típica aliança vertical, onde ocorre um acordo entre duas pessoas que possuem poder e recursos desiguais, sendo que cada uma julga conveniente possuir um aliado superior ou inferior a si mesmo (GONÇALVES, 1988:8) Para além da troca de favores, o clientelismo tem uma dimensão estrutural, estabelecendo solidariedade e funcionando como meio de interação social, como modo de estruturação das desigualdades sociais. [...] A clientela abdica de seu acesso autônomo aos mercados, exceto pela mediação do patrão, chefe ou líder, o qual impõe sua proteção por meios mais ou menos coercitivos, por uma sutil mais firme ação para limitar o acesso da população aos mercados ou centros de poder (CORDEIRO, 2000, p.27)

No Brasil essa relação é reforçada pela cultura do patrimonialismo, do mandonismo, mais uma vez da cordialidade.

Sendo embora a relação produtiva fundamental, a escravidão não era o nexo efetivo da vida ideológica. A chave dessa era diversa. Para descrevê-la é preciso retomar o país como um todo. Esquemmatizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo, e o ‘homem livre’, na verdade dependente.[...] seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor* [...] mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. [...] **com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional**”(Schwarz, 2000,p.16) Grifos Meus

CONCLUSÃO

Por ser homem do seu tempo e do seu país, Machado de Assis não deixou de observar uma temática que o encantava mais que os olhares e traições, as relações da tríade: Origem Fidalga, Grossos Cabedais e Relações Pessoais (Chalhoub, 2000), as quais nos fornecem pistas substanciais para que possamos perceber como criamos e recriamos, nas mais íntimas relações cotidianas, uma sociedade que tem a desigualdade como seu fundamento. Machado de Assis é narra amiúde a atmosfera da sociedade brasileira do século XIX, dando ênfase às relações de dependência, favor, e mando e suas interseções e tensões com o mundo burguês europeu, suas idéias e práticas.



Temos, então, um sistema geral de classificação em que as pessoas são marcadas por categorias extensivas, de um modo binário. De um lado, os superiores; de outro, os inferiores. Mas é preciso, no entanto, continuar chamando atenção para um fato muito importante. Nesse sistema, as categorias têm um caráter moral, sendo evitadas sistematicamente as classificações concretas e exclusivas que podem remeter a aspectos reais e a uma só dimensão da sociedade. Sendo assim, classificação é globalizante (ou seja, moralizante), atingindo as pessoas em várias dimensões simultaneamente. Nessa mesma linha, é preciso indicar que o sistema não demarca grupos sociais concretos no terreno. As categorias parecem conceituais, referindo-se ao caráter, e não à dimensões individuais concretas. (DA MATTA, 1997, p. 204)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, vols. 1-4.

CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis Historiador. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

CORDEIRO, Celeste – “Vicissitudes da Democracia no Brasil: o patrimonialismo como cultura” in Revista Síntese, Ano 5, Brasília, 2000.

DA MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

DURAND, Gilbert **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, Difel, 1998.

_____ **Campos do Imaginário**. Lisboa, Instituto Piaget, s/d.

FAORO, Raimundo. **Machado de Assis**: A Pirâmide e o Trapézio. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1974.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Ed. Companhia das Letras, 2006.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

IANNI, Octávio. **Tipos e mitos do pensamento brasileiro**. Sociologias, Porto Alegre, n.7, Jun2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000100008&lng=en&nrm=iso>. acesso em 10 de Abril de 2011. doi: 10.1590/S1517-45222002000100008.



MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre, Sulina, 2007.

PITTA, Danielle Perin Rocha(org.). **Ritmos do Imaginário**. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2005.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo, Duas Cidades, 1992.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.